

REVISTA "A Violeta". Ano 11, nº 152. Cuiabá, 31 de dezembro de 1927.

A VIOLETA

Orgam do Gremio Litterario "Julia Lopes"

PUBLICAÇÃO MENSAL

—:— DIRECTORA —:—

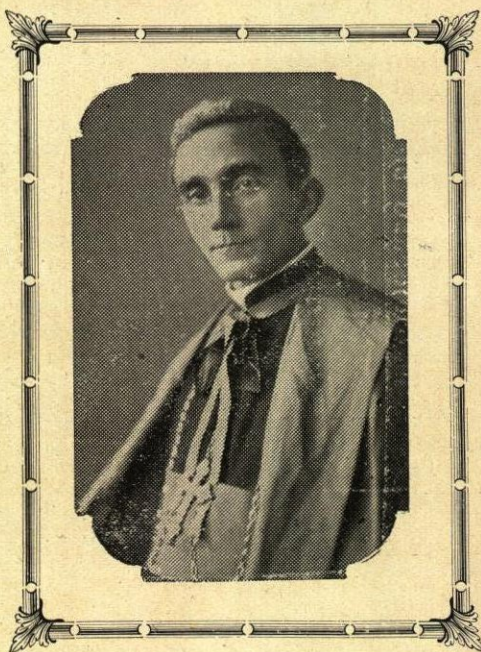
BERNARDINA RICH

ANNO XII

Cuiabá, 31 de Dezembro de 1927

Nº 152

Homenagem d' «A Violeta»



A S. Excia Revma. D. Aquino Corrêa

CHRONICA

Engalanada e risonha esta «cidade verde», acolheu em seu seio num amplexo emocionado de sincéras boasvindas, D. Aquino, o filho dilecto, cujo va-

lor muito a tem dignificado e galardoado.

Escrinio de talento raro onde as gemmas preciosas do saber misturam seu fulgor intenso ás magicas scintillações duma inspiração casta e elevada, a alma do nosso Arcebispo deve ter sentido profundamente o carinho dessa recepção captivante que lhe fez a terra natal.

O ingresso á Academia de Letras, dessa formosa organização de estheta, cultor maravilhoso do bello, nas suas manifestações mais elevadas, é uma honra insigne para Mato-Grosso, não deixando de ser por isso um acto de rigorosa justiça dos conspicuos membros daquela colmeia de immortaes, onde será uma figura de reievo maximo, esse espirito cujos olhos se abriram no encantamento da terra matto-grossense e cuja intelligencia foi firamente trabalhada sob o céo luminoso da cidade Eterna.

Estampando o seu retrato numa homenagem respeitosa de humilde membro do jornalismo regional, «A Violeta» léva as expressões do seu regosijo, áquelle

que é o expoente da nossa cultura e o propugnador dos movimentos literarios de nossa terra.

* * *

Com o presente numero «A Violeta» inicia o seu 12º anno de publicação.

Revista singela, de pequeno formato, levada á arena jornalística pela gentileza do publico que assim a acceitou, ella é o orgão da unica associação literaria feminina em nosso estado, e, si motivo nenhum á benemerencia tivesse, esse de ser a iniciadora do bom feminismo, essa inquebrantavel energia que a tem sustentado através as vicissitudes, bastariam para sagral-a.

Para nós, associadas do gremio Julia Lopes, para nós principalmente as que acompanhamos de perto os dias de sua jornada, desembaraçando-lhe o caminho, desviando-a das encruzilhadas, animando-lhe as forças extenuadas, esta data tem resonancia especial, e nos é immensamente cara!

* * *

—Para festejar a data magna da humanidade, aquella em que recebemos o maior presente do amor divino, Jesús Christo feito homem para nos salvar, costumamos organizar uma Arvore do Natal aos pequeninos desherdados da fortuna, áquelles que não conheceram nunca a alegria de um brinquedo novo, jamais sentiram o sabor das guloseimas caras; os innocentinhos ternamente amados pelo divino Nazareno.

Por ter sido absolutamente impossivel fazer a distribuição das prendas no dia de Natal, addia-

mol-a para o dia de Reis.

Permitta Jesus que o anno que se inicia seja portador de risos, festas, harmonias, ás auctoridades civis, religiosas e militares, ás queridissimas consocias e gentis assignantes, aos collegas da imprensa e á sociedade cuiabana em geral.

Mary



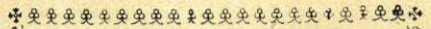
D. Maria de A. Müller

Transcorreu a 9 do andante a data genethliaca da querida consocia cujo nome encima estas linhas.

No recesso tranquillo do seu lar feliz, recebeu a bonissima Senhora as mais inequivocas manifestações de carinho da nossa sociedade, onde, pela sua cultura, e maneiras atraentes tem conquistado um logar de destaque.

No gremio Julia Lopes, de que foi uma das mais entusiastas fundadoras, e que ora tem a ventura de estar pela segunda vez sob a sua efficiente direcção, essa data refulge entre as mais caras.

Esta redacção sente-se feliz em apresentar as suas homenagens á infatigavel e intelligente colloborador a e as gremistas do Julia Lopes congregaram-se para, em affectivo abraço, offerecer-lhe as flores do seu immenso carinho, envoltas em votos de muitas felicidades.



A Garage Avenida

installada á Rua Pedro

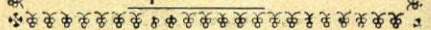
Celestino, dispõe de ma-

gnificos carros,

e com a maxima presteza

atende chamados á qual-

quer hora.



Página Americana

CASO

*A un cruzado caballero,
garrido, noble y garzón,
en el palenque guerrero
le clavaron un acero,
tan cerca del corazón,
que el físico al contemplarle,
tras verle y examinarle,
dijo: «Quedaría sin vida
si se pretende sacarle
el venablo de la herida.»*

*Por el dolor congojado,
tris e, débil, desangrado,
después que tanto sufrió
con el acero clavado
el caballero murió,
pues el físico decía
que en el dicho caso, quien
una herida tal tenía,
con el venablo moría,
sin el venablo también.*

*¿No comprendes, Concepción,
la historia que te he contado
de ese garrido garzón,
el del acero clavado
muy cerca del corazón?
Pues el caso es verdadero:
yo soy el herido, ingrata;
y tu amor es el acero.
Si me lo quitas me muero;
si me lo dejas, me mata.*

Rubén Darío.

Arrufos...

Adivinha quem está aqui?

Zita, que da janella do seu quarto vira quem chegara nesse momento ao portão do jardim, fingindo não ter percebido, responde:

—Accaso julga-me habil na difficil arte de adivinhar?!

—Não sei. O Roberto...

—Sim? Recebe-o.

Que tenho eu com elle?

—Oh! Que dizes?!

Então, não vaes hoje ao encontro do teu amado noivinho?!

—Não. Já fallei que não e não.

Aquella espreitada da Lili, ficou de vir hoje, almoçar connosco, não deve demorar.

Talvez houvesse até combinação... elle que se contente com ella e dispense-me. Não quero vel-o.

E soluçando e derramando lagrimas, seus pesinhos batiam nervosamente no soalho.

— Bem, não desejo de maneira alguma aborrecer-te.

Um tanto desageitada, Laura voltou para a sala, procurando dissimular a falta da sua irmã.

Não tardou chegar a irrequieta, a borboleta da Lili com toda a garrullice que lhe é peculiar:

Zita enraivecida ouve do seu quarto, as animadas palestras e as risadas sarcásticas da supposta rival.

Queria correr á sala de visitas tomar parte n'aquelle meio em que se achava o seu querido Roberto.

Queria fallar-lhe.

Mas o seu genio caprichoso não o consentia.

Dava alguns passos para a sala, mas lembrava se de que veria o seu noivinho ao lado de Lili, sorridente a fazer-lhe corte... precipitadamente voltava subjugada pelo seu inflexível algoz... o ciame.

Decorridos alguns minutos, a palestra esfriou, perdeu o enthusiasmo.

Silencio geral. Roberto levantando-se do sofá, em voz baixa falla algo a Laura.

--Zita! Oh! Zita!

Corre Laura ao encalço da sua mana.

—Roberto deseja saber se poderia fallar contigo.

—Não!

—Pergunta si vaes ao cinema.

Estava quasi resolvida a responder que sim mas, conteve-se.

—Diga que não irei.

—Então não vaes?

—Não! Roberto não mais me inspira confiança.

—Ah! Compreendo! Temos hoje arrufos!

Sempre arrufos!

E o motivo de sempre... aposto.

Ouve-me:

Embora mais jovem dois annos que a maninha, sou incapaz de dar maus conselhos.

Por que razão te mostras tão inflamada?

Não ha motivos.

Não sejas voluntariosa.

Ouve-me.

E' essa demasia de amor proprio que te subjugou.

Não te deixes dominar assim.

Isto te causará sempre descontentamento e servirá de obstaculo á tua perfeita felicidade.

Acho que tirarás proveito nestes conselhos que são justos e razoaveis. Si não me ouvires, te arreponderás.

—Então achas que é muito agradável a gente ser barrada?

—Não; eu sei que é muito dorido.

Mas não tens razão. Tuas scismas não tem fundamentos. Roberto ama-te. Não sabes como elle soffre.

Ainda ha tempo de corrigir-te.

Era singular o predominio que sobre a sua irmã exercia Laura, que com as suas maneiras sérias, com o seu modinho grave ao mesmo tempo benevolo, induzira o animo da Zita que setornando vermelha como uma romã abaixou a cabeça e calou-se.

Desconcertada, Zita ás carreiras vai ao portão e batendo palmas anciosa e alegremente, chama Roberto, que, obedecendo, volta do meio caminho.

Olharam-se risonhos e carinhosamente.

E quem por alli passasse naquelle instante, diria que nada entre elles, havia acontecido.

Estava terminada a tempestade.

Nedy

A Magia da Saudade.

A Maria Müller

Saudade!

Palavra magica que, em todos os tempos, tem norteado na senda da espiritualidade todos os seres, produzindo effeitos identicos, effeitos que não se modificam nem com os annos, nem com as evoluções da humanidade.

¿Quem não terá saudades?

Quem não guardará nos mais intimos escaninhos do coração, essas cinzas sagradas, parecendo muitas vezes inteiramente apagadas, mas, que uma simples palavra, uma melodia harmoniosa, uma flôr singela, as badaladas de um sino, uma velha canção, uma manhã de primavera, uma tarde chuvosa, uma noite de inverno, um perfume agradável, um nonada emfim, são sufficientes para revolver-as incandescentes como as lavas de um vulcão aparentemente extincto?

¿Quem não terá saudades?

Um polichinello risinho em uma vitrina, quantas reminiscencias nos despertam da quadra innocente da vida, dos primeiros companheiros de folgedos infantis, das rugas com os irmãosinhos, da mamãe, entre risinha e severa, a apaziguar contendas, que co-

mo as trovoadas de estio, passam rapidamente, sem deixar vestigios.

¿Quem não terá saudades?

As flôrinhas de um dia, rasteiras, insignificantes, quantas recordações emotivas nos fazem estremecer a alma com a lembrança dos tempos felizes em que, em grinaldas, nos enfeitavam as bonecas, essas pacientes companheiras, amigas mudas, que, condemnadas muitas vezes á ephemera existencia de alguns dias, eram contudo, muito queridas, indispensaveis!

¿Quem não terá saudades?

Um beijo! quantas emoções desperta!

Desde o beijo dos irmãosinhos queridos, a sorrir; das amiguinhas ansiosamente esperadas; das despedidas lacrimosas do collegio; do irmão affectuoso, commovido, seguindo para muito longe... até o beijo perduravel e sagrado do anjo tutelar da nossa infancia, ao deixar-nos para sempre...

Saudade!.. Bemdicta saudade!

Tu, que, no dizer do poeta és o delicioso pungir de acerbo espinho, tens todavia, o poder magico de revolver os sagrados escriptorios dos corações, e mostrar-nos, continuamente, alli encerradas, as doces reliquias de um tempo que não volta mais!..

Déa

Novembro de 1926.

❖ A Santa ❖

CONTO DE NATAL

De Déa

Na doce tranquillidade que só a virtude proporeciona, vivia Eulalia na casinha branca da collina, em companhia de sua avó.

Clara como as estatuas de alabastro, os seus cabellos escuros e sedosos formavam encantador contraste com aquella branca de neve.

A meiguice, a innocencia e a bondade, espalhavam-se-lhe nos grandes

olhos azues de turqueza. Esbelta, de altura mais que mediocre, lembrava uma estatua grega, naquelle perfil de linhas impeccaveis.

Tranquilla e feliz corria-lhe a existencia entre o carinho duas vezes materno e aquelle eterno oasis de flores e verdura.

Desde os mais proximos visinhos até algumas leguas ao redor, Eulalia era o idolo das creanças, dos campo-

nezes, que na sinceridade das suas almas simples lhe chamavam *a Santa*.

A esmerada educação que recebera em um dos melhores collegios de Madrid, alliada ás bellas virtudes que lhe adornavam o caracter, tornavam-na admirada e querida daquella gente.

Até os 15 annos vivera na capital com seus paes, rodeada de conforto e bem estar; uma epidemia assoladora viera como terrível vendaval, arrancar lhe aquelles entes queridos, deixando-a em triste orphanidade.

Foi então que, acompanhada de uma velha aia, viera residir naquelle cantinho tranquillo com a avósinha que, para a pobre orphã, foi dalli em diante o aujo tutelar.

.....
Alguns annos se passaram . . .

Vamos encontrar a heroína do nosso conto no formoso palacete da Condessa de N.

Quanta mudança na sua existencia! Violenta congestão cerebral roubaralhe a avó, deixando-a pela segunda vez orphã.

Com o dinheiro da venda da casinha viera para Madrid a procura de uma collocação, que lhe proporcionasse os meios de subsistencia.

Nos primeiros mezes procurou-a inutilmente, ninguem se interessava por aquella jovem, vestida de lucto, que não visitava pessoa alguma, que não conversava com as vizinhas, que não tinha amigas, que só ia á igreja, sempre abismada em tristes meditações.

Uma creança que a espreitava sempre da janella, tão modesta e linda, dissera um dia ás companheiras:

— Parece uma santa!

E naquelle auditorio de pequenos ninguem o contestou.

Sosinha naquella *Babylonia*, o que poderia conseguir a pobre orphã, com os recursos escasseando-lhe diariamente?

.....
Era pela Paschoa

Eulalia dirigiu-se uma tarde á igreja para confessar-se.

Um venerando sacerdote alli estava pera attender aos fieis.

Quando chegou a sua vez, a pobre menina patenteou ao missionario da fé o afflictivo estado de sua alma.

Consolou-a animadoramente o confessor, e, depois de absolvê-la, disse-lhe que na manhã seguinte, depois da missa, o esperasse na igreja.

Mais confortada voltou Eulalia á sua pobre morada, e na manhã seguinte, tendo commungado e assistido á missa, esperou com o coração oppresso de ansiedade que o venerando ancião lhe viesse fallar.

De joelhos aos pés do altar da Virgem, invocava a pobre menina o seu maternal auxilio.

Cada minuto que se passava, era para ella, de uma cruel duração.

Um ruido de passos fez-a voltar a cabeça, e, vendo o sacerdote, levantou-se tremula, quasi chorando.

— Minha filha, disse-lhe bondosamente o padre, encontrei um logar para você, a Condessa de N. procura uma moça para leitora e dama de companhia.

E' viuva, sem filhos, vive somente entre creados, sem um carinho que lhe suavise aquella solidão voluntaria a que se entregou desde a viuvez.

Devido mesmo a essa falta de convívio social, o seu genio alterou-se: é colerica, neurasthenica, . . . que sei eu?

No fundo, porem, não tem máo coração.

Fallei-lhe da sua instrução e educação, ella desejou vel-a; mora em um palacete á rua Valença n.º 4.

Vã fallar-lhe... e que Deus a proteja...

Com o semblante quasi alegre, beijou Eulalia a mão do bondoso sacerdote, agradecendo-lhe o interesse que tomara por ella, e a passos ligeiros regressou a sua pobre morada.

Entre o receio e a esperanza penetrava Eulalia, pelas 2 horas da tarde daquelle formoso domingo de Paschoa naquella austera e opulenta habitação.

A creada que a recebeu, já avisada, introduziu-a em luxuoso gabinete onde a tristeza havia assentado a sua morada.

Em commoda poltrona, faces côr de cêra, estava a Condessa.

Teria 58 annos, talvez; de physionomia carregada e quasi sem voltar a cabeça recebeu a jovem, e após alguns momentos inquiriu.

— Como se chama?

— Eulalia Diaz

—Quantos annos tem?

—Vinte e dois

—Sabe que procuro uma moça que me faça companhia sempre e dirija a casa.

—Sim, senhora.

—Que não recebo e nem visito, que estou absolutamente segregada do mundo?

—Sim, senhora

—Nem para ir á igreja sahirá, porque tenho capella onde se celebra missa aos domingos.

—Sim, senhora.

—Não lhe assusta essa clausura?

—Não, senhora.

—Convem-lhe então?

—Sim, senhora

Pouco a pouco, o semblante carrega com que recebera a orphã havia desapparecido, e foi com voz quasi amavel, que, ao saber lhe disse.

—Venha hoje mesmo.

Installada commodamente alli, Eulalia agradeceu ao bom sacerdote, que algumas vezes visitava a Condessa e era o seu confessor.

Rendia graças, no intimo d'alma á Virgem, pela protecção que lhe concedia.

Com a sua bondade e meiguice naturaes conquistava dia a dia o coração da Condessa.

Habituaos á rispidez e severidade da ama, quedavam-se os creados encantados com a miraculosa transformação que alli se ia operando, sob os influxos beneficos daquella delicada e bondosa menina.

As janellas, antes hermeticamente fechadas, abriam-se agora para o calor bemfazejo do sol e para os perfumes da natureza.

O altar da Capella vivia agora florido; e quando aos domingos se celebrava alli o santo sacrificio, já não era somente a senhora que o assistia, vinham todos os creados, inclusive o porteiro, como se fora uma igreja.

A Condessa, que na sua eterna melancolia vivia encerrada, já penetrava algumas noites no salão, agora profusamente illuminado, para os serões em familia que constavam de interessantes palestras, nas quaes tomava parte o velho padre, que alli vinha agora sempre instado pela propria Condessa; a maior parte das vezes, porém, os

serões eram musicaes feitos pela Eulalia que, assim tinha oportunidade de expandir a sua alma de artista.

Mozart, Beethoven, Bellini... eram os preferidos da Condessa, que commo-vida ouvia as inspiradas interpretações que lhe dava Eulalia.

A pallidez de cera ia adquirindo tons rosados; a tristeza e a hypochondria desappareciam visivelmente.

Tão benefica e notavel transformação devia tambem reflectir-se fóra dos muros do palacete.

Os velhos amigos, diante daquella vida nova que se notava alli, approximaram-se novamente, ansiosos de conhecerem a fonte daquella metamorphose.

Á Condessa já os recebia, e Eulalia era a figura luminosa que aclarava aquelle recinto.

—É uma santa! diziam os videntes daquella benefica mudança.

—É uma santa! diziam os serviçaes tratados agora como amigos, pela propria Condessa, outr'ora tao mesquinha de palavras e de bondade.

Com muito carinho, grande paciencia e intelligencia natural, conseguira conquistar inteiramente o affecto daquella mulher, que, sosinha, sem affectos, alli se estiolava, sem amigos sem consolações. O seu coração agora, como cansado de tanta solidão dessedentava-se em expansões de que nem ella propria suspeitava.

.....

Chegou o Natal.

Eulalia preparava com o auxilio da creanta um formoso presepe.

Era uma surpresa que faria á Condessa; pediu-lhe, porem, permissão para organizar uma arvore de Natal para as creanças daquelle bairro.

Por sua vez a aristocratica senhora conferenciara longamente com um senhor de barbas grizalhas, que alli viera algumas vezes.

Quando, na noite do grande dia, a Condessa penetrou na grande sala, onde se achavam o presepe, a grande Arvore e aquella sociedade em miniatura chefiada pela bondosa menina, parou alguns momentos em pé a contemplar aquelle formoso quadro de bondade e de innocencia, e os seus olhos marejaram-se de lagrimas de enternecimento.

As creanças, á principio receiosas, não ousavam approximar-se da Arvore, mas o carinho e bondade com que os chamava a Condessa, tornaram-na logo confiadas.

Eulalia, risonha e enlevada agradecia internamente a Deus aquelles momentos felizes, e distribuía os presentes, despoando implacavelmente a Arvore.

Doces e brincados, o enlevo das creanças, foram prodigamente distribuidos; e quando em revoada alegre sahio aquelle bando infantil, uma vozinha alegre se alteou:

—Viva a santa!

—Viva a santa! responderam todos em alegre debandada.

Cessaram as aclamações...

Ain ta com os olhos humidos voltou-se Eulalia, mas a Condessa havia desaparecido.

La procural-a, quando a creada de quarto entrou a chamal-a no salão onde estava a Condessa com o senhor das barbas grizalhas.

Quando a moça penetrou no salão a Condessa abraçou-a, fel-a sentar-se junto de si no grande sofá, e disse: —Sr. Thompson, tenha a bondade de fazer a leitura.

Levantou-se então o notario, e com voz algo commovida, leu o testamento da Condessa de N. no qual adoptava como filha a menina Eulalia Diaz, concedendo-lhe os seus titulos, e legando-lhe toda a sua riqueza...

Extatica e petrificada assistiu Eulalia aquella leitura; e terminada, a pobre orphã não teve noção alguma do que lhe cumpria fazer, e foi ainda a Condessa que puchando-a para si e beijando-a jubilosa com transportes maternos ciciou-lhe aos ouvidos:

—Tu, minha Eulalia, és uma Santa!

—Espelhos—

*Prepara-se e restaura-se
com perfeição
na ourivesaria e relojoaria
á rua 13 de Junho—96*

O Encontro

Anoitecia. A noite, como duas grandes asas que lentas se fechassem descia vagarosamente ao fim dessa tarde de outomno.

Um sol muito loiro já dera o seu ultimo beijo de adeus á terra fria e escurecida, e no poente ainda ha pouco avermelhado, uma estrella pallida como o lyrio, vinha surgindo docemente das dobras do horízoute distante...

As arvores como esqueletos postos á margem das estradas, choravam a sua desventura ao cahir das folhas mortas, essas lagrimas bizarras da sua grande dor desconhecida; e as folhas mortas amarelladas eram um pouco de dor e de saudade que o vento levava na sua furia de tudo destruir.

Foi nessa tarde que elles instinctivamente se encontraram. A ausencia que os havia separado pela palavra, pelo pensamento e pelo olhar vinha de muito longe; da infancia adormecida, dos clarões fugaces da sua primeira mocidade.

Elle, mais calmo, falara da sua vida triste, monotona, com os olhos fixos no grande ceu escuro, esse eterno poema de mysterio e de consolação.

O vento sibilava aos seus ouvidos um grande riso de escarneo e as estrelinhas brancas, piscando inquietas pareciam sorrir desdenhosamente do seu passado, triste, saudoso, despedaçado . . .

Era uma dessas creaturas que erram pelo mundo, a mercê dos desenganos e das decepções . . .

Mas, devia ser esse o seu destino. O amor, essa morphina lenta do espirito como elle o dissera, havia-lhe passado ao largo da vida; e a bondade, a sinceridade, a compaixão, fugiram-lhe aos primeiros clarões da sua mocidade. A felicidade esse sonho fugaz qua nós idealizamos, morrera em sua alma naquella noite em que a amante infiel o abandonára, zombando da sua desventura . . .

* *

Ella ouvira-o religiosamente, com o espanto nos olhos e a bocca tremula de emoção. E pallida, romantica, abrindo os seus grandes olhos cor do

mar, contou-lhe tambem a sua triste e dolorosa historia.

Era como todas as outras historias de mulheres . . .

Tambem soffrera muito. Trazia perpetuada na alma a tragedia do desprezo, naquella manhã de sol, em que o noivo partira para bem longe... A ausencia foi-lhe uma grande dor. Depois o esquecimento, a ingratitude daquella que se fora, puzera-lhe no espirito, uma eterna descrença pelos homens, uma ideia cruel e serena de vingança.

Quando terminou, ambos tinham os olhos rasos d'agua.

Comovidos seguraram as mãos nervosamente . . .

Elle mais forte, com a firmeza na voz, fallou:

— Já que o Destino nos atrai juntos um do outro, já que a vida hoje nos une confraternizando as nossas almas, alliciando os nossos corações na santa cruzada do Amor, porque não edificarmos sobre o jazigo dum passado desfeito, sobre esse tumulo de dor e de desespero, uma união mais perfeita, a união de um affecto mais nobre, mais elevado e mais sincero?...

Fallemos do futuro. O passado já é bem morto. Recordar? Recordar é offerir duas vezes... Amemos a vida que vem, feita dos nossos pensamentos feita de nosso amor, como a idealisamos, como a comprehendemos, linda, serena e feliz illuminada pela luz do teu olhar, suavizada pela bondade da tua alma de santa.

No outro dia, á luz do sol que surge esplendoroso, numa formosa manhã, o novo amor, bello, sublime, eterno, nascia milagrosamente das cinzas do outro amor despedaçado.

1-12-26

J. Mario

(Do Gremio Cas'ro Alves)

Correspondencia aerea

Colibri

Pela Violeta, te conheci oh! Colibri amigo, e espero-te para voarmos jun-

tos e descobriremos os segredinhos da nossa terra.

Perguntas pela Borboleta?

Prometteu-me que chegaria hoje para nos contar coisas que soube nos seus vôos distantes.

Irei brevemente attendendo ao teu convite, para trabalharmos juntos nas trepações d'A Violeta

Beija-Fôlr

Colibri

Avesinha irrequerida, que esvoaçás pelos jardins floridos á procura dos teus amigos Borboleta e Beija-Flor, fizeste bem em chamar-me á ordem; aqui estou, prompta para cuidar novamente, com todo o carinho, da querida Violeta.

Attendendo ao teu gentil convite seguirei breve, para te fazer companhia; espera-me.

Fada.

Airoso Colibri

Penso que a Borboleta não merece as honras de se unir com o orgulhoso Colibri, que com as suas azas mais lestras, vencerá na sua carreira vertiginosa, aquelle pobre insecto que abandonado ficará solitario no caminho triste e arduo da vida.

Sendo mais agil no teu vôo, facilmente encontrarás flores que agradem o teu excellente gosto, ao passo que eu espero que uma flôr levada por um vendaval ás praias da Guanabara, torne, trazida por uma briza mais suave ao modesto jardim de Moreira Cabral, para então, poder sugar o que de precioso ella encerra.

Borboleta

Agil Beija-flôr

Porque não dissesstes ao teu querido irmão Colibri, que as minhas azas não se queimaram, e que se não vôo é porque estou a descançar?

Diga-lhe que estou silente, com o pensamento voltado para bem longe, quietinha a manejar calmamente as minhas antenas que incançáveis trabalharam e trabalharão em favor das secções «Trepções e Correspondencia aerea».

Borboleta

Noite de Natal

*O' noite de Natal! O' noite de magia
Na aldeia de Belém. A estrella do Pastor
Inundava de luz a humilde estrebaria,
Onde havia nascido o filho do Senhor.*

*O rosto angelical e lindo de Maria
Tinha a doce expressão do maternal amor;
E o bondoso José, commovido sorria,
Contemplando Jesus, o meigo Salvador.*

*Os anjos pelo céo, num hymnario divino,
Cantavam o Natal do loiro Deus Menino
E descia do azul a celestial canção,*

*Envolvendo Jesus, o ser extraordinario,
Que havia de morrer no cimo do Calvario,
E devia ensinar aos homens, o perdão.*

Lola de Oliveira

Um domingo na Usina

Domingo de Julho! A Usina parece adormecida--é o descanso da faina e da agitação semanal. Ha um silencio, uma grande paz em tudo.

Pois si até as arvores estão paradas, mudas, como que á espera da brisa que lhes virá embalar os ramos... Mas não sopra viração de especie alguma. Que calor! O céu está de um azul sem nuvens, duma limpidez admiravel, azul que as avesinhas procuram febrilmente com suas asinhas tontas. Si ellas pudessem alcançar-o!... Oh! nunca!

Voarão eternamente na alegria alacre de muitos bater-d'azas e não o alcançarão! O azul é inatingivel, pobres avesinhas tontas de ideal! Que liberdade maior que a vossa, a quem é dado voar livremente no espaço?

Contentai-vos asinhas sofredas, com o que vos foi concedido pelo Senhor que tudo sabe, não vos deixeis levar pela tentação!...

O rio murmura docemente, reflectindo, no azul-esverdeado de suas aguas, trechos de céu, arvores e collinas. De quando em quando, bandos alacres repousam na agua tranquilla e depois retomam o vôo, em busca de novas plagas, novos ninhos.... Vão á margem fronteira?

Quem sabe? A agua corre tranquilla.... Frageis barquinhos deslisam suavemente pela superficie calma e azulada do rio. Uns sobem, outros descem.... Todos levam direcções diferentes. Aquelle que ali vai, singrando as aguas, é de um pobre pescador, vai levá-lo ao lar humilde onde o esperam sua esposa e filhinhos. Ao descanso, pescador corajoso! amanhã voltará á lucta quotidiana para assegurar o sustento dos teus.

Descansa, pois, hoje, que é o dia por excelencia, o domingo, escolhido pelo Creador para o repouso d'aquelles que seguem a lei do trabalho.

E elle segue tranquillo na sua canoinha, talvez pensando no que fará amanhã. E' feliz o pobre homem, ao menos, tem esperanças....

Dirijo-me para o jardim, delicioso, com o seu silencio doce. E' um retiro encantador este, onde passo horas seguidas, alheia a tude, pensando, nem

sei mesmo em que, gozando a frescura agradavel sob as roseiras floridas e o caramanchão copado. Sento me a um banquinho tosco, em baixo do caramanchão. Até á minha pessoa chega o, perfume subtil de que o ar está impregnado. Pareço respirar melhor que na cidade; é que o ar d'quí é mais puro mais são, mais perfumado que o de lá. Aspiro-o a plenos pulmões, como é delicioso! Estou só. Oh! Como é agradável o sentir-se só, longe do barulho, das conversas banaes que nos cansam o espirito e nos enchem de tedio! Os seres mudos que aqui se encontram não me vêm interromper nas minhas reflexões, nem me aborrecer com futilidades. São mudos, é quanto basta. Meus unicos companheiros neste jardim deserto, como eu os amo! Aqui, tenho a companhia amavel e discreta das minhas amigas flores e do meu amigo silencio. Companhia que adoro, que não perturba não cansa, só agrada. E' bom estar assim, não é?

Si soubessem o que me vem á memoria! Eu, que pareço pertencer ao *seculo dezoito* pelos meus pensamentos tão sensatos, eu, que *detesto* o barulho, as festas, as retretas... penso, sem inveja, que hoje á noite as minhas amiguinhas irão dar umas voltas pelo jardim florido e claro da minha cara cidadezinha.

Hoje, domingo, Cuiabá terá um aspecto festivo.

E no Alencastro repleto, bellas harmonias ouvir-se-ão.

E eu aqui, tão longe, sem poder apreciar-as...

Oh! não disse já que não faço questão disso?

Aqui, longe da cidade, tenho o meu jardimzinho silencioso, muito mais fresco e poetico que o de lá e que é o meu caro confidente nos momentos de reflexões...

No emtanto, apezar de não seres nem silencioso, nem proprio para confidencias, tambem gosto de ti, Alencastro, e não te zangues commigo.

Não pensem agora que, por gostar do Alencastro, deixe de pertencer ao *seculo dezoito*... Sou uma menina muito ajuizada, mas, quanto a sentimentos poeticos, tenho-os á grande; estou fóra da época, não acham?

Fada.

Vendo, ouvindo, e contando

Domíngo! Clara e linda noite de Dezembro!

Haverá por certo novidades, . . . é tão raro estar límpido o ceu nesse mez borcasoso...

O Jardim «Alencastro» regorgita; mademoiselles lindíssimas e elegantes cavalheiros accodem todos ao convite gentil daquela noite.

Occulto, observo attentamente:

Passam mademoiselles. Altayr Cardozo e Nena Vanden Bosch. Estão tão encantadoras na simplicidade de suas toilettes claras, que me quedo por instantes fascinado acompanhando-as com o olhar emquanto posso, e com o pensamento, quando graciosas desapareceram numa curva do jardim.

E passaram a conversar sobre o Rio... Saudades?

Fico a pensar, mas ouço passos...

E' mademoiselle Aida de Carvalho. Em sua toilette negra está arrebatadora.

Mademoiselle vae tão contente... mas... surprehende um olhar do mais feliz dos seus admiradores daquela noite, com uma outra senhorita que é rival temível, e... ficou tristonha.

Mas, nova senhorita chama-me a attenção... E' Ada Scarselli! Toda de branco e com o seu perfil de napolitana, deixa após si, um murmurio de admiração. Está tão linda que nos deixa a pensar: será mesmo uma senhorita ou uma visão deslumbrante? . . . mas não, é mesmo uma senhorita, e que travessa . . . sem pensar no mal que faz, corresponde a olhares enamorados, de elegante cavalheiro de branco, que fica todo perturbado.

Não me atrahem as senhoritas quando *acompanhadas*; no entanto, prendeu-me a attenção mademoiselle Aracy de Figueiredo que tem a seu lado um gentil cavalheiro, ou porque seja *cousa nova* ou porque estão muito bem, assim todos de branco.

Mademoiselle Sylvia Coelho, está entre dois casaesinhos. Que faz? Colhe assumptos para «as trepações»?

Mademoiselle Dinah Ponce acha que o jardim não tem encanto... porque será?

Mademoiselle Adiles Ramos, qual lindíssima borboleta que num jardim immensamente florido não soubesse em qual das flôres pousar, passa a sorrir, a brincar e a dispartar sem o supportant os ciúmes...

Um cavalheiro passa. Que elegante! Quem será? De fóra?

Não, é Sylvio Scarselli.

Vae todo absorto, como que a sonhar... Saudades de Caceres?

Mas, a banda toca o dobrado final... Minha casa é tão distante... e, já tenho voado tanto!...

Adeus!

Colli ri.

Inesquecível Fada

Não me julgues ingrata! Não zangues commigo, querida Fada pois não mais poderei esvoaçar pelo nosso atrahente Alencastro, pelas reuniões selectas que se promovem nesta bella cidade, pelas chics partidas do Concordia, sem o poder magico da tua varinha?

Si ainda não respondi a tua gentil missiva que me enviaste, por intermedio da nossa sempre adorada Violeta, foi unicamente, pelos grandes affazeres que tenho tido, e não por me ter esquecido de ti.

Sei que commetti uma grande falta mas sei tambem, inesquecível Fada, que não deixarás de perdoar a tua inseparavel Borboleta que de joelhos pede-te pedão.

Em reconhecimento da minha falta e para que voltes as boas commigo passo a relatar-te o grandioso baile que as professorandas de 1927 promoveram em casa da nossa distinta amiguinha Carbá de Mattos.

Abandonando um pouco a monotonia em que vivo, resolvi vôr até essa magnifica residencia que nestes dia estava ornamentada com muito gosto.

Depois de esvoaçar nalgumas salas, pousei em um canto do salão de danças. Vi tantas cousas!... Ouí tantos segredinhos!... Que julgo não ser indiscreção contar-te.

A loura N. V. B. estava maravilhosa no seu vestido cor de maravilhosa..

A. P. indiferente a tudo, somente tinha olhares para o O. L.

V. C. correspondia muito risonha ás declarações que lhe dirigia o Dr. R.

M. C. linda no seu vestido verde e preto fez par constante com o A. C. S.

O Dr. E. depois de quasi um mez de arrufos fez as pazes com a linda Z. C.

O. J. B. sentia-se radiante quando dançava com a elegante I. R. Como são volúveis os homens! ainda não fazem dois mezes que elle parecia estar verdadeiramente apaixonado por outra

O. A. esqueceu-se rapidamente da G. M. Dançou o baile todo com a linda A. de A. dirigindo-lhe phrases amorosas.

M. V. B. sentiu immensamente a falta da elegante e bellissima D. P. A.

Apesar de ser dia da sua collação de grão a N. F. estava bastante triste. Creio que era por estar ausente o F. C.

Senti a falta da A. B. e do seu par predilecto Dr. A. L.

O A. S., tout en blanche, muito amavel con todas as moças com quem dançava, porém, sempre indifferente aos olhares das bellas cuiabanas. Terá alguma paixão occulta? Será comprometido? Não consegui saber o motivo. Talvez com a tua varinha poderás desvendar este segredo.

Emfim o baile esteve esplendido.....

As moças estavam verdadeiramente lindas nas suas riquissimas toilettes; os rapazes, quasi todos de branco e muito animados emprestavam maior brilho á festa.

As gentis professorandas foram incansaveis em distribuir gentilezas aos seus convidados.

Creio que com esta penitencia virás novamente me fazer companhia e ajudar-me a combater os rapazes. e principalmente o Dr. E., que prometem com grande insistencia cortar-me as azas.

Não me abandones, extremosa Fada, neste momento que mais necessito do teu auxilio.

Receba em tuas lindas faces, innumeros beijinhos da humilde.

Borboleta

Noticiario

Bodas de prata

Commemorando a data duplamente festiva para o distincto casal Pina Filho, a sociedade cuiabana affluio á sua residencia no dia 23 do corrente, não só pela passagem do natalicio da virtuosa Sra. D. Maiza Pina, como pela commemoração do 25º anniversario do seu casamento.

Associando-nos a essas affectivas manifestações, apresentamos ao distincto casal as mais effusivas congratulações.

Festival do Centro

Com um attrahente festival da arte o Centro de Letras prestou merecida homenagem aos festejados belletristas Olavo Bilac e Nuno de Andrade.

O illustrado professor Isac Povoas em entusiastica e formosa elocução fez o elogio do festejado autor dos Contos e Chronicas, que tanto fulgor emprestou á litteratura patricia.

Presidiu a sessão D. Aquino Corrêa, que ao encerral-a, teve palavras de elogio e encorajamento ao Centro e ás gentis patricias que deram áquella festa innegavel encanto Parabens ao Centro.

Natal das creanças pobres

Como nos annos anteriores, em commemoção ao Natal de Jesus, o maior amigo das creanças, o gremio Julia Lopes fará distribuição de roupas a creanças pobres.

Para esse nobre fim uma commissão de socias está angariando donativos, e outra, chefiada pela nossa dedicada consocia D. Zulmira Canavarros, encarregou-se de promover uma representação theatral no Cine Parisien na noite de 29 do corrente.

A sociedade cuiabana demonstrou mais uma vez os seus elevados sentimentos humanitarios, concorrendo para a realização desse humanitario gesto.

Bello e nobre

Cheio de nobreza e de elevados sentimentos humanitarios é o gesto do Dr. Athayde Bastos em beneficio da infancia indigente.

Communicou-nos o distincto medico que dará consultas gratuitas ás creanças reconhecidamente pobres, na Pharmacia Central das 3 horas em diante, diariamente.

Secundando-o nesse bello exemplo, os proprietarios dessa conceituada pharmacia farão abatimento nos preços dessas receitas.

Dignos de louvores

Consorcio

A 24 do corrente, na maior intimidade, effectuou-se o casamento do estimado moço Sr. Paulo Scarselli com a prendada Sta. Jovina Serra.

Testemunharam o acto o Sr. Frederico Scarselli e exma. esposa, D. Bernardina Rich, o Sr. Theodomiro Serra representado pelo Sr. João Baptista de Figueiredo, e o Sr. Adelino de Barros.

A Violeta apresenta felicitações ao novo casal, desejando-lhe muitas felicidades

Noivado

Com a gentil Sta. Oscarlina Addor, contractou casamento o Sr. Manoel da Costa Granja, negociante nesta praça

Agradecendo a gentileza da communição, desejamos aos nãos innumeras felicidades

**

Na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, acaba de concluir com brilhantismo o curso de engenharia civil o nosso talentoso conterraneo João Ponce de Arruda.

E' com immenso prazer que A Violeta apresenta ao jovem engenheiro as mais effusivas felicitações, extensivas a seus dignos paes e irmãos.

Os que chegam

Acompanhado de sua exma. familia regressou ao nosso meio social o Dr. Edmundo Ludolf.

Satisfeita, esta redacção visita-os

**

Da florescente cidade de Corumbá, chegaram em viagem de recreio, a veneranda senhora D. Anna A. Curvo e suas gentilissimas filhas.

Com prazer visitamol-as.

**

Acompanhada de sua extremosa genitora está em visita a nossa sociedade a St. Marieta Dutra nossa muito querida amiga.

Com muita satisfação A Violeta apresenta-lhe a sua visita.

**

Regressou ao nosso Estado depois de longos annos de ausencia o nosso illustrado conterraneo Dr. Joaquim Olympio Leite.

A's innumeras visitas recebidas pelo distincto magistrado, A Violeta junta com prazer a sua, desejando-lhe a mais agradável permanencia em sua terra natal

**

Está novamente em nosso meio social o estimado moço Sr. Manoel Miaglia.

A Violeta que lhe deve innumeras gentilezas, visita-o com muito prazer

**

Em visita a seus dignos filhos está nesta cidade desde a ultima semana o Corel. João Pedro de Arruda e sua exma. esposa, aos quaes com satisfação visitamos

**

De importante commissão que vem de desempenhar regressou a esta cidade o distincto official da Força Publica Capm. Antonio de Salles Accyoli.

Esta redacção apresenta-lhe o seu cartão de visita

Os que partem

Para o Rio de Janeiro, acompanhado de sua exma. familia seguiu em principios do mez corrente o nosso estimado conterraneo Major Romão V. da S. Pereira

Esta redacção agradece a gentileza das despedidas e espera em breve o

prazer de vel-os novamente nesta sociedade onde gozam de geraes sympathias.

Com o mesmo destino seguiu com a E'olo o conceituado commerciante Sr. José Maria Alves e sua exma. esposa. Feliz viagem e prompto regresso



SOCIAES

Fazem annos neste mez:

- A 2—Sta. Dulce Proença
 A 4—Sta. Nayda Neves
 A 5—Sr. Paulo Scarselli
 Professor Alcindo de Camargo
 Sr. Jehovah Epaminondas
 A 6—D. Anna Rondon
 A 7—D. Abigail B. de Azevedo
 A 8—Sr. Eucharío de Figueiredo
 Sr. Catão das Neves
 A 9—D. Rita M. de Azevedo
 Dr. Gabriel P. de Arruda
 A 10—Stas. Almira de Mendonça e Vera Caldas
 D. Amelia Jorte de Oliveira
 Sr. Manoel P. Cuiabano
 A 11—D. Anna Ignacia Ribeiro
 Sta. Selizia Gurgel e o menino Luiz F. Pereira Leite
 A 12—Sta. Maria Neves
 A 13—Sta. Lenira de Oliveira
 A 14—Corel. Augusto Gurgel do Amaral
 A 15—O jovem Everardo Povoas
 A 16—D. Guiomar Mendes Feitosa
 Sta. Adelaide de Faria
 A 18—D. Maria Bastos Jorge
 A 19—D. Alda de Mattos
 O menino Hugo Müller
 A 20—D. Alina do N. Albernaz
 Sta. Iame Boabaid
 Professor Philogonio Corrêa
 O menino Dante Miraglia

- A 21—Sta. Clarice de Lima
 Sta. Irene de Oliveira
 A 23—Sta. Sinhá de Figueiredo
 A 25—Advogado Estevão de Mendonça
 Sta. Armelinda Gaudie Ley
 A 27—D. Frederica Müller da S. Pereira
 A 30—Dezemb. Ferreira Mendes
 fr. Pina Filho

Apresentando a todas as mais selectas felicitações A Violeta deseja-lhes as mais risonhas—Boas Festas

Fallecimento

O telegrapho transmittiu-nos a tristissima noticia de haver fallecido em Ponta Porã, no dia 16 de corrente o distincto jovem João Xavier de Oliveira.

Contristou profundamente a alma cuiabana esse doloroso facto, e ninguem ha que não lamente o desaparecimento do inditoso moço, tão prematuramente roubado á familia e á sociedade.

A' sua desolada Mãe, irmãos e demais parentes levamos, sinceramente compungidas, as expressões do nosso profundo sentimento.

Caixa d' A Violeta

D. Martha—Bem diz o proverbio—longe da vista...

Nedy—Jubilosas recebemos. Fazemos votos que --Arrufos— seja seguido por outros trabalhos da tua formosa penna.

Irma—Então? Nem o numero de Natal conseguiu que nos ajudasses? Estás zangadinha? Prove que não.